

Trânsito massacra juventude

Foram 11 mortes em menos de 24 horas. Duas coincidências: todos tinham menos de 30 anos e todos morreram em acidentes de trânsito. As estatísticas oficiais confirmam que a juventude vive sob ameaça nas estradas, avenidas e ruas. O que mais mata jovens entre 15 e 29 anos no Rio Grande do



Sul são os homicídios. A segunda causa para que vidas acabem precocemente no Estado é a violência no trânsito – no ano passado, foram 675 mortes nessa faixa etária. Neste ano, até o mês de maio, somente nas rodovias estaduais, 69 jovens entre 15 e 34 anos sucumbiram.

Pai busca consolo no adeus à filha

“Vossos filhos não são vossos filhos, são os filhos da ansia da vida por si mesma. (...) Podeis conferir-lhes vosso amor, mas nunca vossos pensamentos (...).” Nas palavras do profeta libanês Gibran Khalil Gibran, o pastor da Comunidade Evangélica Santo Angelo, Elguido Pumpmacher, encontrou conforto para a morte da filha caçula, Aline Graziela Pumpmacher, 17 anos, e duas de suas amigas. A igreja da comunidade evangélica foi pequena para abrigar as centenas de pessoas que vieram se despedir das três jovens mortas na manhã de domingo num acidente na RS-218, em Santo Angelo, no noroeste do Estado.

Aline, Adagnara Cavalli de Ávila, 17 anos, e Maristela Torres Severo, 21, estavam em um Gol conduzido por R.O.D.F., 17 anos, quando o jovem perdeu o controle do carro depois de derrapar em uma curva a cem metros da ponte sobre o Rio Santa Bárbara. Os quatro voltavam de uma festa no Atlanta Bolliche Bar, no centro da cidade. O motorista foi o único sobrevivente e continua internado em estado grave na UTI do Hospital de Caridade de Santa Rosa.

Junto ao altar, em torno dos três caixões, estavam familiares e amigos das vítimas. Os alunos do Colégio Estadual Missões, onde as três garotas cursavam a terceira série do 2º Grau, não foram à aula ontem. Nas rodas de conversa, alguns lembravam que, neste mês, exatamente um ano atrás, eles haviam perdido outros dois colegas em um acidente. A Rua Andradas, em frente à igreja, permaneceu fechada ao trânsito até a saída dos carros fúnebres. O enterro foi realizado sob uma chuva fina, no final da manhã, no Cemitério Municipal Roque Gonzales.

Aline tinha dois irmãos e era a mais nova da família. Formada em inglês, pretendia ser dentista. Conforme as amigas, gostava mesmo era de rock. Suas bandas preferidas eram Legião Urbana e The Doors. Também caçula, Adagnara tinha duas irmãs e morava com o pai e a mãe. Desde fevereiro, fazia estágio como telefonista na agência do Bannisul. No segundo semestre, Dagui, como era conhecida, queria começar um curso pré-vestibular. Pretendia ser advogada.

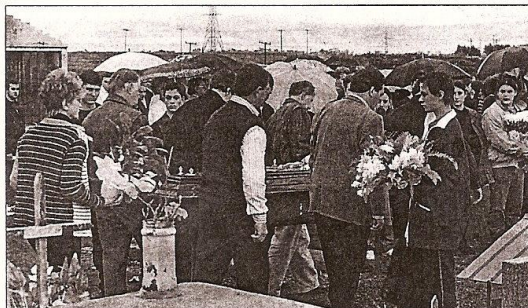
Maristela morava com a mãe e tinha uma irmã mais velha, já casada. Sonhava em ser estilista.

— Ela sabia desenhar muito bem, principalmente roupas — contam as colegas de Maristela na Polícia Federal, instituição em que ela estagiava havia quatro meses na Comissão de Vistoria.

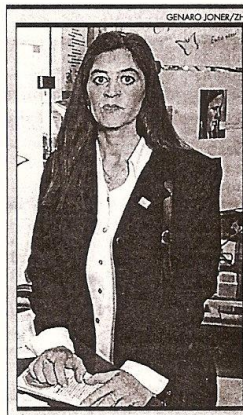
O curso universitário ainda não estava definido, mas provavelmente seria na área de artes.



Tragédia: Adagnara, Aline e Maristela morreram em uma derrapagem



Comoção: centenas de pessoas compareceram ao enterro das vítimas



“Os familiares das vítimas me ligam no mesmo dia ou no dia seguinte. Querem saber como sobreviver à tragédia da perda. Sinto-me como um cego guiando outros cegos. Os adolescentes não morrem de doença. Morrem no trânsito. Os pais precisam aprender a dizer não e a orientar os filhos a voltar de táxi para casa, ou com alguém de cara limpa. É mais fácil ser um pai bonzinho, mas dizer sim pode significar a volta do filho em um caixão fechado. Os jovens temem ser babacas ao recusar a carona de um amigo alcoolizado ou ao pedir para diminuir a velocidade. Mas babaca é quem morre aos 17 anos.”

Diza Gonzaga, presidente da Fundação Thiago Gonzaga

Fundação tenta evitar repetição de tragédias

Diza Gonzaga não descobre as jovens vidas interrompidas por meio de páginas dos jornais ou de registros policiais. Ela é a primeira pessoa que os familiares das vítimas procuram, horas depois do acidente que arrancou o futuro de adolescentes que mal haviam começado a viver. Diza criou a Fundação Thiago Gonzaga junto com o marido, Régis, quando o filho de 18 anos morreu no trânsito em 1995. Desde então, ela vem transformando a própria dor numa grande campanha de conscientização. Quando o telefone de sua casa toca, muitas vezes são pais e mães com a mesma pergunta lancinante:

— Meu filho morreu. Como eu posso sobreviver? Neste domingo, não foi diferente.

O trânsito é, oficialmente, a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Rio Grande do Sul. Só perde para homicídios, conforme números compilados pela Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente (SSMA) a partir dos atestados de óbito. No ano passado, foram registradas 675 mortes por acidentes de trânsito nessa faixa etária no Estado. Neste ano, somente nas rodovias estaduais, 69 jovens de 15 a 34 anos sucumbiram até maio.

Diza acredita que o número pode chegar ao triplo.

— Os jovens morrem sempre nos finais de semana, quando voltam de festas. Geralmente são homens e estão a menos de 30 quilômetros de casa. A bebida e a alta velocidade costumam estar associadas aos acidentes — afirma Diza. — Os pais geralmente se preocupam se os filhos estão bem alimentados ou agasalhados, mas os adolescentes não morrem de doença. Morrem no trânsito.

O psiquiatra José Outeiral, especialista em adolescentes, aconselha aos pais que fiquem alertas aos sinais de pedido de socorro. Ele acredita que um número significativo de mortes de jovens em acidentes pode ser computado como suicídio.

— Uso de drogas, problemas escolares, desilusão amorosa podem ser sinais explícitos de depressão. Assim como aqueles adolescentes que desde criança vivem apresentando acidentes repetidos, como quedas de bicicletas ou fraturas em jogos de futebol — analisa o psiquiatra. — Os pais não devem minimizar esses sinais. Devem conversar com os filhos e procurar ajuda.

As características próprias da adolescência, como a onipotência, levam os jovens à crença de que nada acontece com eles. Cabe aos pais impor limites.

— Os pais precisam entender que, quando não conseguem dizer “não”, não estão amando seus filhos adequadamente — enfatiza Outeiral. — Estão só evitando conflitos. E, às vezes, pode não haver retorno.

O coordenador do Fórum Permanente pela Paz no Trânsito, David Duarte Lima, está concluindo um trabalho que mostra o salto no número de mortes de adolescentes no trânsito a partir do momento em que os jovens tiram carteira de habilitação: de 15 a 17 anos, há 13 mortes para cada 100 mil adolescentes no Brasil, número que passa para 21,6 óbitos para cada 100 mil entre os 18 e os 19 anos. Na luta para derrubar o projeto que rebaixa para 16 anos a idade mínima para um jovem poder dirigir, o professor faz uma projeção assustadora: se o projeto for aprovado, morrerão 500 jovens a mais no trânsito a cada ano, e outros 8 mil ficarão feridos.